

O PIRATA BEI

Bei (do turco otomano بك , beg, beğ; em árabe, بك / bek; em persa, بگ / beg ou beyg) é um título nobiliárquico turco adotado por diferentes governantes dentro dos territórios dos antigos Império Seljúcida e do Império Otomano. Foi também o título dos monarcas da Tunísia.

...

Adicionalmente, entre as lendas locais, regista-se a "Lenda do **Pirata Bei**". A expressão "bei" é tradicionalmente utilizada pelos habitantes da ilha de Santa Maria, no arquipélago dos Açores, no sentido de interjeição de exclamação, espanto, surpresa. Adicionalmente, entre as lendas locais, regista-se a "Lenda do Pirata Bei". Os estudiosos justificam ambas como uma recordação dos assaltos de piratas da Barbária, frequentes no passado da ilha, que saqueavam e incendiavam as povoações, capturando os naturais para vendê-los como escravos no Norte de África.

Reza a lenda que a expressão "Bei", muito utilizada na Ilha de Santa Maria, para indicar espanto, admiração, surpresa; se deve a um pirata de nome Bei.

Segundo se diz, esse pirata estaria presente nalguns dos vários ataques que se verificaram à Ilha por parte de piratas da Berbéria ou Barbária, (designação dada aos piratas que operavam no mediterrâneo e atlântico nordeste a partir da costa da Berbéria, litoral de África, Argélia, Marrocos, Tunísia e Líbia, sendo a base principal em Argel). Berbéria ou Barbária nada tinha a ver com a forma bárbara da sua atuação, mas com a sua origem na costa Ocidental do Magrebe, conhecida na época pelos povos da Europa como costa da *Barbária*.

Nessas incursões saqueavam e levavam cristãos prisioneiros para vender como escravos nas praças do norte de África, ou de famílias abastadas para exigirem um resgate. Destes últimos resgatados e agradecidos, devotos de **Nossa Senhora dos Anjos**, surge a irmandade dos Escravos da Cadeínha, reconhecida pelo Bispo de Angra, D. Frei Lourenço de Castro em 1675.